

sobre tudo

HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS: RODA DE CONVERSA COM AS PROFESSORAS MARISE DA SILVEIRA E SÍLVIA LENI AURAS DE LIMA

Transcrição: Claires Marcele Sada⁷⁹

Edição e revisão: George França⁸⁰

Para rememorar a trajetória do projeto Pés na Estrada do Conhecimento e discutir o passado, o presente e o futuro dessa histórica iniciativa pedagógica que completa 20 anos no Colégio de Aplicação, no dia 07/11/2019, duas das professoras fundadoras do projeto – Marise da Silveira, de História, e Silva Lima, de Sociologia – foram recebidas na Sala do Pés (Galpão), às 10h pela equipe que atualmente responde pelo projeto: José Carlos da Silveira (Coordenador), Giselle de Souza Paula, George Luiz França, Renata Gomes Camargo, Marivone Piana e Claires Marcele Sada. Durante duas horas, tomamos café e conversamos em meio a fotos e memórias entrecortadas por imagens, emoções, palavras entrecortadas e falas que se complementavam. O resultado desse encontro foi transcrito na

⁷⁹ Doutora em Matemática pela PUC-SP. Professora de Matemática do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: claires.marcele@ufsc.br

⁸⁰ Doutor em Literatura pela UFSC. Professor de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: franca.george@ufsc.br

Íntegra pela professora Claires Marcelle Sada e editorado pelo professor George França, e pode ser lido a seguir.

JOSÉ CARLOS: A gente queria dizer primeiro para vocês que é alegria tê-las aqui. Este é um evento, programado, pensado já há muito tempo, de comemoração dos vinte anos. É claro que a gente vai ter um outro aproveitamento que é, a partir destas falas, a publicação na revista Sobre Tudo, porque a gente está comemorando os 20 anos e a revista Sobre Tudo vai fazer uma edição especial. E aí a gente não poderia deixar de trazer pessoas que vivenciaram esse momento, que já estão aposentadas, mas que estão sempre com a gente, nas nossas memórias, no trabalho, deixaram muitas coisas aqui. Então em nome do grupo, gratidão, gratidão, gratidão.

MARISE: A gente que agradece. Ser lembrado, estar aqui é sempre bom. Imagina!

SÍLVIA: Oh, que saudades! Muito bom RE-UNIR coisas tão importantes, da escola, da nossa vivência, eu acho que é fundamental essa volta.

JOSÉ CARLOS: Então... A gente não tem, assim, um roteiro fixo de perguntas. A gente vai levantar algumas questões, alguns aspectos e aí a coisa é que a gente converse. Vocês falam, a gente também fala, e aí a gente vai construindo essa memória, que é tão importante para que gente dê sentido para os nossos trabalhos. Eu percebi, por exemplo, quando o colégio teve essa renovação mais recente de profissionais, que a gente ficou um pouco perdido em relação às nossas memórias. Ou seja, as pessoas chegaram e disseram “Olha, vamos começar a escola daqui”. Mas tinha uma escola anterior que obviamente as pessoas que estão aqui tinham essa sensibilidade, mas muitos deixaram e não consideraram. E a gente ficou um pouco perdido nesse processo. Trazê-las aqui é dar sentido a esse momento tão importante para a gente. Então, pessoas, eu vou começar e depois vocês vão entrando aí

na história, né. Pensar assim, lá em 1999, final do século XX, século passado. Olha só... Falar do século passado... Como é que agora, tentando puxar pela memória, essas falinhas que nós fizemos anteriormente e essas fotinhos, que eu fiz questão de vocês olharem para as fotos... Como é que vocês ressignificam hoje aquele momento de sair da escola, ir para um movimento de trabalhadores rurais sem terra, que tem um estigma muito grande, né? Como é que vocês se viram naquele processo? Olhando, então, para o passado, olhando que escola é aquela que vocês queriam construir? Que a gente queria construir?

SÍLVIA: Eu lembro que eu tinha uma preocupação, enquanto professora de Sociologia, que era alguns momentos na escola em que como boa intenção e como uma questão didática mesmo, alguns professores traziam pessoas de outras escolas para conviver um momento aqui na escola com a gente. E eu observava aqueles momentos e achava que estava faltando alguma coisa, sabe. Parecia, assim, uma demonstração do “Olha o exótico que está aqui! Oh! Eles não têm o que vocês têm! Eles não têm a escola que vocês têm!”. E aquilo... eu subia a escada pensando: “Tem mais coisas que a gente pode fazer.” E quando veio a proposta do Pés na Estrada eu lembro que eu elaborei o meu projetinho de participação e eu coloquei assim: “Dirigir o olhar dos nossos alunos...”. A Fátima Sabino: “Epa!” [*Risos de todos*] Daí eu pensei: “Eu estou fazendo igual! A minha intenção não era essa, dirigir o olhar do meu aluno... Não! Mas era muito mais do que isso, fazer com que ele sentisse parte da sociedade e visse o outro como parte dela. Não ver o outro como “o outro”, simplesmente. E aí eu voltei para casa e refiz o meu texto. Eu disse: “Estou usando uma palavra reforçando aquilo que eu estou achando que não está legal.” E esse projeto me deu essa oportunidade, de começar a trabalhar conceitos importantes na oitava série, pensando no projeto sem dizer para o meu aluno o que eu estava fazendo, que era a questão da cultura, do diferente, da alteridade, do

preconceito, do meu conteúdo. E para a nossa surpresa, a minha primeira viagem foi a Fraiburgo... Então eu lembro de cada um trabalhando antes e fazendo, Matemática, Biologia, História, Geografia... Todo mundo trabalhou nesse sentido de não levar o nosso aluno para ver o exótico, mas para ver diferentes formas de vivência. A diferença, né. O outro como parte da minha vida também. Para mim isso foi o Pés na Estrada. E a chamada da Fátima Sabino. Não é dirigir o olhar, lógico. Não! Era fazer com que o aluno percebesse, diante do conteúdo que a gente trabalhou, e de tudo que nós somos uma sociedade, com diferenças.

MARISE: Mas eu penso assim, que as nossas disciplinas, História e Geografia, a gente juntava muito, Sociologia também, com certeza. Mas uma das coisas que acho que deixou todo mundo com desejo do projeto, de incrementar o projeto era, por exemplo, trabalhando a história, a dificuldade de estar dentro de uma sala de aula e o aluno se sentir sujeito. É muito difícil! Em geral, é muito chato. Alguns não. Alguns gostam, trazem um monte de livros, etc., mas se sentir sujeito da história que ele está estudando é difícil! Até porque, no nosso país, não existe essa discussão da história do país de uma forma que incluía as pessoas, nunca teve. Então, as pessoas sempre recebem ou dão, mas elas não são sujeitos. E a vida cotidiana desses alunos, dos nossos alunos, não tem significado para eles, nesse sentido da história. E eles entenderem que, por exemplo, qualquer evento grande que surja é fruto de momentos do cotidiano, do dia-a-dia, é muito difícil. Então, a gente pensa: “Mas, como fazer diferente? Como?” Tu constróis a história. Mas como que tu fazes a tua história? E aí, a gente pensou, inicialmente, porque foi uma ousadia, em 99, pensar, junto com o MST, ou com a questão da problemática da terra, né? Primeiro, tirar o preconceito do problema da terra, das “invasões”, entre aspas. Nós íamos visitar pessoas que, segundo a mídia, tinham invadido as terras. Ninguém sabia o que era aquilo. Então casou a nossa vontade, que era

ver como que as coisas se davam no cotidiano. O que significava um assentamento, o que era um assentamento? Porque é muito fácil dizer que é um bando de baderneiros, etc., ou achar que eles estão sendo manipulados, ou que têm toda a regalia. Era um momento forte, “1999” foi um momento forte. E o contato feito com o Santin, que era uma das lideranças do MST. E eles amaram! Porque tinha um pessoal da Educação Física que já ia para lá. Eles tinham um projeto lá, da Educação Física. Então acertamos tudo, e agora, como viabilizar? O sonho está aí, a proposta está aí, a possibilidade existe. Aí foi que vieram os estagiários também. O Cezinha e a Cris, duas pessoas maravilhosas, da oitava série. Acho que era do 8º C, na época. E o Cezinha, coincidentemente... o destino... a vida te coloca as pessoas certas na hora certa, ele já tinha um trabalho, e inclusive contato com essa pessoa com quem a gente tinha feito o contato, lá em Fraiburgo. E a preparação aqui? A preparação aqui foi fantástica! Lembra, Zé, as reuniões na sala de música? Desde “não pode levar isso, não pode levar aquilo, não pode levar não sei o quê, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que levar calçado...” Nós tivemos a experiência de meninas lá com jogo de maquiagem, já no final do que eu participei, se maquiando para ir caminhar na terra! Mas era a cultura dela, não é?

SÍLVIA: Sim....

MARISE: Então... Meninos que não conheciam uma galinha viva. Outra, que quando conheceu o coelho, queria a qualquer custo trazer o coelho, né. Então, foram experiências muito ricas. Mas, assim, nesse processo, a riqueza foi isso. Principalmente, que o aluno percebesse através de uma experiência sua, cotidiana, o quanto a nossa história é feita pelas pessoas simples. Quem está lá em cima, que se diz o dono da história, não é coisa nenhuma! Os caras dão os encaminhamentos de acordo com as vontades deles, agora, quem constrói o cotidiano somos nós. É o dia-a-dia, é a comunidade, é o teu contato lá dentro da

tua casa, com amigos, com os centros comunitários, etc. É isso que dá a vida efetiva, né? Quando a gente foi, chegamos, o banheiro não tinha luz, era banho frio, né. Tinha gente que não tomava banho. A sala era muito precária porque nós ficávamos em sala de aula, era uma sala de meninos e uma de meninas. Era muita lama, todo mundo que andava tinha que deixar o sapatinho pelo lado de fora, e sempre chovendo nas épocas de campo. E aí íamos almoçar e, realmente, era a comida que eles comiam. E teve reclamações, sim, ih... completamente compreensíveis. A gente conversava e tudo... E depois, os debates que tínhamos... Aqui tem fotos, também. Da sala de aula. Essa primeira sala, o primeiro encontro. Os debates com as lideranças. O que o projeto propiciou, a gente não tem a dimensão. Nem temos mesmo e nem vamos ter. Então, eu acho que as memórias vêm e a gente fica. Mas o significado, além disso que a Sílvia coloca, né, é fazê-lo se sentir sujeito da história, que ele constrói a sua história. E que isso possa ir para a vida. Que isso dê para ele o sentido da importância da intervenção dele na sua vida. A gente não sabe como isso vai ser. A ida para Ouro Preto teve também um outro sentido, que é ressignificar a memória histórica. Não era ressignificar o passado histórico. E a gente estava lá andando, e eles tinham pesquisa para apresentar, os *papers* para fazer. A coisa foi se tornando mais exigente, eles tinham entrevistas para fazer, na rua, em Ouro Preto. Esse aprendizado para a vida foi a coisa mais fantástica. E se eles rememoram, não tem um que não traga a questão do Pés na Estrada, quando tu encontras o povo desse tempo.

MARIVONE: Vocês duas falando me veio uma coisa, da minha experiência, com esta questão dos movimentos sociais, de militante, eu ficava acampada no MST. E vim fazer Ciências Sociais na universidade achando que ia ser aquela coisa, e eu vi um descolamento, do tipo, aqui está a realidade e aqui está a academia. E sofri muito! Quando entrei aqui no CA, eu tenho a minha imagem ainda, de quando vim ver o resultado do concurso e tinha ali perto do auditório, no mural: “Projeto

Pés na Estrada”. Dizia lá o objetivo, que era “Pesquisa junto ao MST” E eu “Nossa! Será que aqui estão fazendo alguma coisa assim, que une a questão da teoria e da prática?” E eu fiquei muito curiosa. Quando vocês estavam falando, me veio uma questão dessa aprendizagem. Como é que vocês sentiram a questão da experiência de vocês aqui, no projeto, com a experiência da formação de vocês? Vocês fizeram a formação nos cursos de graduação. Tiveram essa oportunidade de ter uma coisa semelhante ao que era feito aqui? Porque para mim é um projeto muito inovador no sentido dessa relação, de que a gente tanto fala, da *práxis*, teoria e prática.

MARISE: Eu primeiro fiz Letras. Dei aula de inglês onze anos. Depois disso eu fiz História e trabalhei aqui. Sempre que eu passava aqui, eu dizia que o meu sonho era trabalhar neste colégio. Eu me lembro que eu falei pra a Herta [Kieser] isso. E fiz o concurso, passei, mas desde o meu curso de História, eu acho que eu tenho uma coisa muito irrequieta, que é minha, que não me deixa sossegar. Nós criamos a Semana de História, fazíamos muitas viagens, também, para participar da Anpuh, diversas vezes. Eu tive professores muito tradicionais, tivemos brigas homéricas dentro do curso por causa do currículo. Mas a minha turma foi uma turma que começou, assim, muito firme nessa coisa. E eu também já participava dos movimentos sociais, quando entrei em História. Desde 1975 que eu estava participando. Primeiro de grupo de jovens, depois veio a questão partidária, tudo junto. Depois dentro do MST, do movimento dos sem-terra, quando nem tinha. Eu me lembro, assim, em termos da teoria, a gente procurava muitas leituras mais alternativas do que aquelas que os professores davam, até em função da nossa história.

GEORGE: A minha pergunta ia um pouco nessa direção. Você estava falando dos embates e das resistências. A gente sabe que na construção da escola há processos de afirmação e de resistência. Entre vocês

criarem o projeto, a ideia desse projeto surgir e ele, de fato, se curricularizar, como ele está hoje, com espaço na grade curricular e tudo o mais, como foi a experiência de vocês? Houve resistências? Que tipo de resistências? Quais as dificuldades que vocês tiveram entre uma ideia e a curricularização hoje?

MARISE: Tu lembras de alguém que tenha resistido?

JOSÉ CARLOS: Na realidade...

MARISE: Eu não lembro...

JOSÉ CARLOS: Eu acredito que a gente não tinha, assim, uma resistência clara, aqui.

MARISE: É... Não tinha isso!

JOSÉ CARLOS: Pelo menos que se mostrasse, né... Pelo contrário, o projeto foi construído, passou no Colegiado como pesquisa e extensão. A gente desenvolveu e interrompeu o projeto porque eu fui para o Mestrado e a Marise foi para o Doutorado. A Giselle e a Sílvia estavam com outros trabalhos. E era muito complexo todo esse trabalho para elas ficarem sozinhas com isso, né.

SÍLVIA: Tinha uma hora ou duas.

JOSÉ CARLOS: É... Era muito pouco.

SÍLVIA: Eu era a única professora de Sociologia.

JOSÉ CARLOS: É... tinha que dar aula no Ensino Médio, tudo. A Giselle também... Então... A gente optou por fazer uma pausa, né.

MARISE: Foi de quando a quando, mesmo? 2002...

JOSÉ CARLOS: Mas, na prática, 2005 é que retoma de fato, né. O pessoal retoma o projeto em 2004. Ficou três anos parado. 2002, 2003 e 2004, né. Uma ação contrária, George, a gente não via, mas, assim, no

corredor, no disse que me disse, a gente escuta algumas coisas. Por exemplo, de professor dizer para mim: “Mas, isso não pode ser iniciação científica, né?” Ou seja... congelou...

MARISE: É porque aí ele entrou na ideia de iniciação científica como “preparação”.

JOSÉ CARLOS: Exatamente. Exatamente. Congelou a ideia de iniciação científica como se as palavras tivessem um sentido único dentro de um determinado contexto. E aí a gente vai conversando, vai explicando, mas... assim, uma resistência propriamente dita, não. Uma coisa que foi muito importante para que o projeto ganhasse a dimensão que tem hoje foi o papel da Direção, principalmente a da direção do Romeu.

MARISE: E do César.

SÍLVIA: Alguns, como ele diz, alguns comentários que foram se desconstruindo com o tempo.

MARISE: É! É isso! Porque as pessoas também não conheciam...

SÍLVIA: Foi... Não conheciam. Foi sendo desconstruído e a gente recebeu um apoio legal.

MARISE: Aí foram entrando as disciplinas Exatas no meio, né. Que foi maravilhoso. Entrou Educação Física, que foi maravilhoso! Nossa! É...

GISELLE: Eu acho que tem uma pré-disposição pessoal, e tem um pano de fundo, assim, que está na questão ideológica. Então... Eu não sei, eu até ia perguntar para o Zé: “Você participou de algum movimento estudantil, na universidade?”

JOSÉ CARLOS: Muito pouco.

GISELLE: É, eu participei. Na universidade, eu era do CALBI, o Centro Acadêmico da Biologia. Eu acho que existe isso. E acho que o grupo de professores, ao longo do tempo, não se modificou tanto, também.

Mantém-se um corpo. São vinte anos e o Zé continua, eu continuo. Vocês enquanto estavam ficaram, o Fernando entrou. Então, tem uma identidade, uma identidade, no fundo, ideológica.

JOSÉ CARLOS: É... tem que ter algo que te mobiliza, né. Se tu não tiveres esse algo que te mobiliza, essa visão de escola, visão de sujeito, de formação, não consegue.

SÍLVIA: É... É essa mistura, o fechamento da teoria, da prática. Tu começa a trabalhar e a perceber... Como diz a Marise, eu sou sujeito, o meu aluno é sujeito histórico. Essa compreensão veio com o mundo do trabalho, é indiscutível. E ali, na prática... Claro que a gente tem esses movimentos. Eu estudei na época da ditadura militar, o meu curso terminou em 1979, há quarenta anos. Mas, eu tive professores como o Ralf e o Remy, que foram pessoas espetaculares na indicação de leituras. E eu te digo que não foi lá dentro que a gente fez. Quando chegou aqui, no mundo do trabalho, na hora de preparar uma aula, de começar a fazer as escolhas, na hora de participar do projeto. As escolhas, elas só vêm aqui mesmo. Nossos alunos só podiam ver sentindo, participando, sentindo as diferenças, e os caminhos, e as escolhas. É aqui. Por isso que a vida do professor ela é maravilhosa. Porque você tem que viver e fazer viver, e mostrar, viver.

GISELLE: Agora... os nossos alunos, eles escrevem. A gente não precisa dizer o que eles têm que escrever. Eles escrevem aquilo que eles estão vendo, que é a realidade. Eles estão observando e fazendo a leitura deles.

MARIVONE: Porque estão vendo, experienciando. Eu acho que essa experiência do cotidiano vai transformando as pessoas na prática. No processo, o sujeito vai sendo transformado.

JOSÉ CARLOS: Essa coisa do processo é muito interessante. A Sílvia e a Marise tocaram em algumas questões... Por exemplo, essa coisa de

você entrar com o contato com o diferente, e naquele momento do contato, ter aquele cuidado, aquela atenção para que o estudante consiga compreender quem é aquele e se compreender. Marise, olhando essa fotozinha aqui...

MARISE: Foi... Eu lembro de um assentamento que a gente foi visitar.

JOSÉ CARLOS: É um acampamento... É um acampamento. Na realidade, a gente não ia para esse acampamento. Nós íamos tocar para o assentamento e aí no caminho ele estava. E aí nós, quando vimos, dissemos “Motorista, para. Para.” E a gente visita o acampamento. E aí eu não sei se a Marise, a Sílvia, a Giselle lembram? Do quanto os alunos se chocaram com aquela realidade.

MARISE: Foi. Foi demais. As condições muito precárias.

JOSÉ CARLOS: E eles choraram depois no ônibus, né.

SÍLVIA: Tinha mãe dando banho na criança numa banheirinha, assim. Eles...

MARISE: Numa bacia, né...

SÍLVIA: As meninas ficaram muito, muito chocadas.

JOSÉ CARLOS: Chocadas, né! A sala de aula que era de chão batido, né.

JOSÉ CARLOS: E umas cadeirinhas e um quadro muito significativo, e a fala daquelas pessoas dizendo que aquele ali era o espaço deles. O espaço de luta e de resistências. É de estranhar esse contato aqui e ressignificar. Eu acho que a gente não precisou falar disso, a gente não precisou... Entende? Eles viram, ressignificaram e cada um levou isso para a vida depois de um jeito.

MARISE: E a maioria, nos seus 14, 13 de anos de idade. É muito tenro, né.

SÍLVIA: Mas aí também tem uma coisa superimportante. Os conteúdos trabalhados em sala.

RENATA: Em que momento se torna disciplina? Eu não me recordo o ano e como... E o processo de institucionalização, como é que foi? Porque no ano passado, eu trabalhei no oitavo ano e tinha o projeto de Santa Rosa de Lima. E nós não tínhamos esse espaço das aulas, que faz toda a diferença para a qualidade do trabalho. As palavras do projeto que a gente utilizou até na notícia que a gente colocou no *site* do colégio falam do “estudante pesquisador” e do “professor orientador”, sempre marcando esse lugar, que é diferente no projeto. E, tendo esse espaço das aulas, a qualidade, a amplitude, a complexidade, a profundidade dessas palavras, desses termos, “estudante pesquisador”, “professor orientador”, acentua-se muito a oportunidade desse espaço. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre isso.

CLAIRES: Só complementando... Vocês pegaram o tempo de ser componente curricular, de ser disciplina em sala de aula?

MARISE: O projeto na grade? Não.

CLAIRES: Nenhuma das duas?

JOSÉ CARLOS: Não, porque é 2010, 2011.

MARISE: Nós saímos em 2011.

CLAIRES: Antes era mais difícil, porque todo o trabalho era fora [de sala].

JOSÉ CARLOS: Exatamente.

CLAIRES: Quer dizer, cada professor fazia nas suas aulas, mas não tinha aula...

MARISE – Não, não tínhamos aula.

JOSÉ CARLOS: O trabalho... O trabalho, né, Marise e Sílvia, a gente fazia as orientações na sala de aula... as adaptações gerais...

MARISE: Adaptava aos nossos conteúdos...

JOSÉ CARLOS: É... aos conteúdos, mas aquele encontro... aquele encontro de orientação acontecia no período contrário.

MARISE: É acontecia... era diferente.

MARIVONE: Nossa, bem diferente!

JOSÉ CARLOS: Sim, sim. Exatamente. Até 2010, aí a gente não tem espaço na estrutura curricular. Todas as disciplinas já estavam aí colocadas e não tinha espaço. Aí acontece que com o fim da disciplina Desenho Geométrico, que já tinha acontecido uns anos antes, houve um discussão, assim: “Quem vai ocupar essa disciplina?” Porque eram duas horas. Romeu era diretor na época e a gente fez uma discussão e a discussão foi a seguinte: “Bom, essa disciplina, esse espaço tem que ser com um trabalho diferenciado. Uma atividade, uma disciplina que dê um outro sentido pra oitava série”. Foi aí, então, que a gente se estruturou e o Romeu, então, abriu o espaço, conversando com a Matemática [que temporariamente havia ampliado a carga horária na série de 4 para 6 aulas]. A Matemática já sabia disso, né. Então, a Iniciação Científica vai para a estrutura curricular da oitava série.

SÍLVIA: Mas, eu estava pensando uma coisa aqui... O aluno pesquisador e o professor orientador. Quando a gente fala no Projeto Pés na Estrada é muito forte a questão do Movimento dos Sem Terra. Ele é muito grande. Mas a questão de colocar a viagem a Ouro Preto foi espetacular. O movimento histórico, dos sentidos históricos, do sentido do sujeito. Eu acho que o próprio projeto tem que tomar cuidado na hora de centrar muito na questão dos “sem terra”. Ele é muito mais do que isso.

MARISE: Ele é amplo.

SÍLVIA: Amplo! Amplo. E essa amplitude, ela é fundamental para o crescimento do aluno, do ser humano.

MARISE: Era o meio rural e o meio urbano.

MARISE: Eram as duas preocupações.

SÍLVIA: É... E a gente também falava... Como é que é? O novo e o velho...

JOSÉ CARLOS: Mudanças e permanências.

SÍLVIA: Quando eu fiz o trabalho deles no retorno de Ouro Preto, eles deveriam tomar esse cuidado, de observar o que ficou do passado e o que mudou. Então vieram fotos lindas, textos lindos. E isso que eu acho que é a riqueza desse projeto. Nunca esquecer esse momento, do objetivo a que ele veio, mesmo. É superimportante o MST. Mas não esquecer que Pés na Estrada do Conhecimento... o objetivo era ampliar esses olhares e essa bagagem de conhecimento, de interesse pela vida em sociedade. E pela observação das diferenças.

GEORGE: Tem uma coisa que o Zé coloca para eles e eu acho que chama muito a atenção, que é a diferença entre a postura do viajante e do turista.

SÍLVIA e MARISE: Sim!

GEORGE: Não é? Viajante é aquele que vai ter uma experiência do lugar. Ele vai se transformar naquela experiência de deslocamento. O turista é da ordem do consumo.

MARISE: Do consumo, do olhar sem ver.

GEORGE: Ele vai para passear, para dizer “Eu estive aqui”.

MARISE: Um olhar sem ver... tirar foto...

JOSÉ CARLOS: É uma coisa que a gente sempre coloca. Que a gente não está fazendo um passeio.

MARIVONE: Outra coisa que marcou uma mudança. Quando que foi a mudança de deixar o MST e ir para Itá?

MARISE: É... aí a gente já não estava mais.

JOSÉ CARLOS: A última experiência com o MST foi 2010. E aí 2011 foi o ano em que tu saíste, não sei se estás lembrada?

MARISE: É isso. Eu ainda fui a Itá.

JOSÉ CARLOS: Nós te convidamos pra ir junto, né?

MARISE: Exato. É... eu fui lá. Isso.

JOSÉ CARLOS: Então, 2011 começa...

MARIVONE: Então, a Sílvia não pegou Itá?

JOSÉ CARLOS: Não, não.

SÍLVIA: Não.

JOSÉ CARLOS: Isso. Então, aí, 2011, Sílvia, a gente começa a olhar para a questão da terra também... mas agora, os atingidos por barragens. O movimento dos atingidos por barragens, o MAB. Estamos desde 2011 nesse movimento.

MARISE: E agora, na situação que a gente está vivendo, ele tem um significado muito grande. Brumadinho!

MARISE: E todo o resto das coisas que tá aí. As ameaças que tem, né.

RENATA: Na viagem deste ano nós estivemos em Brumadinho. Anterior à viagem, teve a preocupação de relacionar com os projetos com esse destino, porque nenhum projeto, se não me engano, se vinculava, especificamente, a Brumadinho. E era uma preocupação dos

professores e deles, dos estudantes, também, de como fazer essa relação, apesar de parecer distante do projeto de Minas. E foi muito natural como eles conseguiram aproximar as vivências com os projetos. Estando lá ficou muito claro o que eles deveriam buscar nos seus projetos, com a força daquela vivência, em Brumadinho. Um dos projetos que eu estou orientando fala da questão da luta das mulheres. E aí nós tivemos a oportunidade de conversar com a professora Rose. Nossa! Ela trouxe toda a história, os acontecimentos e a permanência, o que continuava acontecendo. E as mulheres da atualidade que estão passando por situações adversas e a luta que elas vivem. Então, foi muito interessante o que aconteceu em todos os projetos, depois.

MARIVONE: Então, se teve uma coisa que o projeto instigou na escola, foi isso. De você abrir oportunidades em outras turmas e fazer projetos diferentes, também. É... Ou, uma continuidade. Eu lembro que a Nara dizia nas reuniões: “Gente, começa no nono. Aí, depois, começava no oitavo, já que tinha uma iniciativa, o nono vai aprofundando e no primeiro ano do Ensino Médio você ter isso dá um *up* na escola como um todo.” Não teve jeito. Tem umas resistências que não vinga, sabe.

MARISE: É porque exige um compromisso fora de sala de aula, de fazer, de pensar, e tal.

MARIVONE: E mais do que isso. Você tem que abrir o teu mundinho. Você tem a disciplina, em que você vai trabalhar os conteúdos, mas você tem que abrir para o interdisciplinar, para aquele olhar do coletivo, que se eu deixar de dar uma aula minha porque nós temos que usar essa aula para o projeto, o mundo não vai acabar. Eu não sou tão essencial, essencial, essencial no mundo que não pode ter outra coisa nessa hora que é minha aula.

SÍLVIA: A gente tá sabendo que vai encontrar esse tipo. Mas a importância do projeto é muito grande e ela vai passando por isso.

Agora, a questão financeira é muito importante na concretização de tudo que se trabalha e, pelo que a gente está vendo, vai ficar cada vez pior.

GISELLE: Tem uma coisa daquela primeira fase, lá do MST, que ficou na minha mente: o impacto que causava nos alunos, em relação à ida para o assentamento. Porque a gente ia, eles estavam aqui ouvindo, falando em MST, o que é o MST, e tinha todo aquele discurso da mídia... E depois que eles vivenciavam aquilo, eles vinham com outra visão em relação a isso. Mudavam... Isso para mim é o que mais marcou: os alunos, o que eles iam pensando, inclusive com as perguntas que eles iam fazendo, e tinha... “eles ocupam a terra dos outros, pegam a terra e invadem...”

SÍLVIA: A palavra era invasão.

GISELLE: Era invadem, né. E isso é o que mais me marcou naquela época, naquele período que era essa mudança de visão em relação à ocupação da terra.

GEORGE: Ocupação e invasão são dois campos semânticos distintos.

MARISE: Eu me lembro do trabalho dos alunos que falaram sobre a visão da mídia. Eu me lembro na sala de aula, depois, eles colocando. E a questão era: “O que diz a mídia e o que vocês viram”. Todos eles desconstruíram, nas palavras deles, aquilo que a mídia falou.

SÍLVIA: Tinham uns textos muito bons.

MARISE: E eles diziam mesmo que eles viam... Porque aí eles pegavam a informação. O que era aquela terra, onde é que era, qual era o objetivo, o que eles estavam fazendo ali, viram que eles não recebem dinheiro porque... “gente, olha só se eles vão receber dinheiro, do jeito que estão vivendo?” Eu me lembro de um trabalho, assim, num grande grupo dentro da sala de aula e eles colocando essas questões, com as

palavras deles, de uma maneira muito simples, o que eles tinham vivenciado e que se contrapunha à imagem que se fazia antes na mídia. Tinha até, se não me engano, um grupo que fez um trabalho específico. Eles iam com temas, né. Hoje, provavelmente, ainda é... Então, tinha um com o tema, isso, para ver o que dizia a mídia e o que eles vivenciam, mesmo.

GISELLE: E depois de vinte anos, vocês acham então o trabalho atual?

SÍLVIA: Demais!

MARISE: Gente! Até isso poderia ser trabalhado com eles. Para pegar a questão do tempo e mostrar que o tempo na História não existe. O tempo não tem. Nós sabemos que não tem o tempo. Nós é que datamos. Não é? Então até para eles perceberem “Puxa, mas até esse período era isso, isso... Agora, parece que está voltando.” Perceber esses nuances das transformações no tempo. Porque aí não é a questão porque hoje é século XXI e lá era século XX, que foi para a frente. Não é? Mas que a história tem disso, dos retornos... Os retornos...

JOSÉ CARLOS: Gi, essa tua pergunta faz parecer que eu estou em 1999, com outros atores, obviamente. Alguns iguais, discutindo essas questões. Como que a gente vai fazer, o que a gente vai fazer? Então, é a mesma discussão que a gente teve lá.

GISELLE: É a mesma coisa...

JOSÉ CARLOS: Claro, com outro significado, com outro contexto, né. Mas é... a atualidade está nisso.

SÍLVIA: As discussões estão aí. Os movimentos históricos estão nos desafiando.

GISELLE: A temática muda, mas o processo do projeto, como acontece, quais são as perguntas... A temática muda, mas o processo, como

acontece o projeto, o desenvolvimento e também as questões, como elas aparecem na sociedade, parece que são as mesmas. É o mesmo movimento.

CLAIRES: Zé, e eu queria perguntar não só para elas, mas para você e para a Giselle, que estiveram bastante tempo no Pés. Vocês que orientaram estagiários das suas disciplinas, que participaram das atividades do Pés, que contribuição que vocês veem como diferente daquele estagiário comum, que vem para a sala de aula dar as suas aulas e vai, e de quem trabalha no projeto? Fez diferença pra eles, para os estagiários?

MARISE: A maioria dos meus estagiários eram estagiários que eram alunos da Fátima, daqui da UFSC. E a Fátima era comprometida com o trabalho, também. Então, a gente já tinha essa preparação com os estagiários, com aqueles que viajaram, né. Nunca deu problema. Pelo menos, com os estagiários, quando a gente reorientava algumas coisas, mas não era problemático, não. Às vezes acontecia de a gente ter que conversar um pouquinho, e, dependendo também, do momento que eles vinham, se antes da viagem, se depois...

MARIVONE: A Sociologia... eu não sei se a Sílvia tinha estagiários no Pés.

SÍLVIA: Sempre. Nossa!

MARIVONE: Mas nós, só neste ano teve uma que se envolveu no primeiro semestre. E foi, viajou, ficou muito empolgada... Mas no segundo já não participou. Não tinha tempo para participar porque ia começar a docência.

SÍLVIA: E o nosso era trabalhando conteúdo, conhecendo o projeto... Na hora em que os estagiários chegava na escola, eles tinham que ler o projeto e discutir. Quando a gente fazia aquela reuniãozinha em sala de

aula, um dos requisitos era a leitura do projeto, conhecimento para saber por que e como trabalhar o conteúdo.

GISELLE: Mas tem uma coisa. Na época de vocês não tinha aula, o espaço de IC.

MARISE: Não. Era nas aulas, mesmo.

CLAIRES: É verdade, eu esqueci.

GISELLE: Na formação do estagiário é preciso ver que a aula de IC é docência. Eu tenho estagiário que faz o estágio na aula de IC. Ele está dando a minha aula. É perceber que a aula de IC é o espaço dele para aula de sua área de formação.

MARISE: E aí... ele é um momento à parte de IC?

MARISE: Não, quer dizer, está na grade...

GEORGE: São duas horas-aula.

MARIVONE: É. Ou a gente faz todo mundo no auditório para os avisos gerais ou, senão, eles estão distribuídos nas salas com os seus orientadores.

GISELLE: Os meus estagiários de IC não fazem estágio em Ciências, na disciplina, e daí fazem IC. Eles fazem estágio na disciplina de IC. Porque a professora de Ciências está num tipo de aula diferenciada. E para eles é muito legal, porque sai da sala de aula, daquele modelo. É outro modelo de aula. E é o momento em que ele começa desconstruir tudo aquilo que ele traz de crença, de modelo de aula, de como é que o aluno aprende, do papel do professor, do papel do aluno.

JOSÉ CARLOS: Claires, nos momentos mais no início, quando eu também tive estagiários foi super especial, porque o trabalho de campo para a Geografia já é uma questão muito necessária. Então, acho que foram duas ou três turmas de estágio que participaram do campo lá no MST.

Isso provocou um movimento entre eles muito forte de aceitação e de querer compreender um pouco essas questões.

CLAIRES: E isso repercute lá no curso deles? Por exemplo, levar pra lá e dizer: “Ó, a gente está fazendo estágio, sabe, num Colégio de Aplicação...”

SÍLVIA: Sim, sim.

GISELLE: Porque é um momento em que a aula sai do padrão. E é uma aula distinta, onde os alunos aprendem muito mais, às vezes. Muito mais! Os conhecimentos... né, e é interdisciplinar... Os questionamentos de todos esses sentidos que a gente constrói ao longo da vida, dos modelos de tudo, de aula, dos professores, como é a sala, o comportamento do aluno, esperado, e do professor, tudo isso é uma possibilidade de questionamento dessas experiências e reconstrução de sentidos. É isso que para os meus estagiários significa muito. E é o que a gente sempre fala, nas possibilidades que tem um estágio na disciplina de IC.

MARISE: E na disciplina de IC continuam dois professores na mesma sala? Dois ou três...

GISELLE: Às vezes... Quando tem... quando tem muito...

MARISE: Porque teve uma época em que nós fizemos isso, lembra?

JOSÉ CARLOS: É... Às vezes, já teve ano. Dependendo do número de professores, tem dois trabalhando juntos. Mas na realidade, embora a gente esteja nos grupos de orientação, a gente está junto organizando tudo, né.

MARISE: Sim, claro. Com certeza.

